

Mercosul: Não vale a pena ver de novo

O Mercosul é hoje, na verdade, a versão atualizada do "samba do crioulo doido". A cada encontro dos seus membros, que parece mais um desencontro, aumentam os desentendimentos entre os parceiros. Tem acontecido muito discurso, mas pouco avanço em medidas práticas, sem que se consiga definir uma diretriz para nortear aonde ir.

O Brasil, por exemplo, tem procurado se destacar no âmbito político, enquanto a Argentina tem como prioridade o avanço na área econômica - por isso mesmo, tem ido até à Organização Mundial do Comércio (OMC) apresentar queixas contra o nosso país. O esperado é que, sendo parceira do Mercosul, pudessem resolver as questões econômicas sentando-se à mesa e, por meio do diálogo com o governo brasileiro, encontrasse uma solução para o impasse. Mas não: os portenhos preferiram "chutar o balde" e pronto. O que vale é "amigos, amigos, negócios à parte". Já outros países da América do Sul, como Chile e Peru, buscam acordos diretos com os Estados Unidos e, atualmente, o Uruguai também está prestes a firmar um acordo com o Tio Sam. Logo, o Paraguai será mais um a seguir tal caminho.

As agendas dos membros do Mercosul já não andavam bem das pernas há algum tempo, quando, por deferência especial do senhor Luiz Inácio Lula da Silva, a Venezuela passou a fazer parte do grupo.

Na Europa, para que um novo país venha a ser admitido no seleto grupo de participantes do Mercado Comum Europeu, é necessária uma análise pormenorizada e criteriosa. Tal avaliação pode demorar até cinco anos. A admissão de novos membros em associações ou clubes passa por um processo em que o pretendente toma conhecimento das normas vigentes daquele grupo e

compromete-se a respeitá-las. Enquanto isto, o grupo colhe informações sobre o candidato a novo integrante. Só após esta etapa de ambas as partes, o postulante, se aprovado, poderá receber a condição de membro efetivo.

A Venezuela, não se sabe bem o porquê, acabou caindo quase que de pára-quedas no meio dos parceiros do Mercosul. Se os então membros já tinham, antes da entrada da Venezuela, diferenças entre si que emperravam o avanço do bloco, com a entrada do país do companheiro Hugo Chávez, o caldo acabou "entornando" de vez. O polêmico sócio, recém-chegado, foi sentando na poltrona junto à janela e já aparece perante os outros parceiros como o comandante-chefe - uma atitude pirotécnica do mandatário venezuelano que parece ser a sua marca registrada.

Recentemente, Venezuela e Bolívia, esta governada pelo companheiro-índio, Evo Morales, fizeram um acordo que recebeu o nome de ALBA. Neste acordo entre os dois países, está previsto, entre outros itens, que a Venezuela poderá invadir o território boliviano com as suas forças armadas, caso o processo de cristalização do governo socialista de Evo Morales, em algum momento, venha

a sofrer qualquer tipo de ameaça. Alguém poderá dizer que o autor deste artigo está em surto de paranoia e que tal fato jamais irá acontecer.

Mas o então primeiro-ministro britânico, Sir Chamberlain, também não acreditava que Adolf Hitler, a pretexto de libertar os alemães que viviam na Áustria, invadiria o país vizinho. Depois vieram Tchecoslováquia, Polônia e vários países da Europa que foram obrigados a se ajoelhar diante da ação fulminante - a Blitzkrieg (Guerra-Relâmpago) promovida pelo III Reich.

Os últimos acontecimentos na Venezuela se assemelham muito ao que aconteceu na Alemanha após a ascensão do Partido Nacional Socialista. O presidente Hugo Chávez conseguiu mudar a constituição de seu país para que possa governá-lo 'ad eternum'. Tem como aliado um congresso totalmente pró-Chávez, que não teve o menor pudor de dar ao presidente venezuelano poderes ilimitados. Este mesmo senhor que não admite ser confrontado por suas atitudes, brevemente, estará fechando um canal de televisão que faz oposição ao seu governo. Esta atitude tirará o emprego de aproximadamente 2,4 mil trabalhadores do setor de comunicações.

Nestes tempos de aquecimento global, creio que nuvens pesadas estão se formando, gradativamente, sobre os céus da América do Sul. O resultado pode ser uma tempestade que venha a se abater sobre algo ao qual só se dá o devido valor quando se perde - a democracia. A propósito, para quem não sabe, o Partido Nacional Socialista teve um outro nome no início: chamava-se Partido dos Trabalhadores Alemães. Então, antes que chova, fui.

Dr. Luiz Alberto Barcellos Marinho é médico mastologista e ginecologista, diretor do Sindicato dos Médicos de Campinas e Região (Sindimed)